

## PISANDO EM CORES

Josiane Miranda Barbosa<sup>1</sup>

“A menina que roubava cores”, conto de Eduardo Mahon, aborda a vida da personagem protagonista Estela, num mundo configurado a partir da vida cotidiana de uma filha criada sem a figura paterna. Da convivência com a mãe forte, trabalhadeira, que costurava para fora para ter condições de criar sua filha, desenvolve-se uma filha do silêncio, sem palavra, sem voz. A configuração da personagem problematiza o silêncio da menina frente ao falatório dos curiosos sobre sua existência e vida familiar. O conto, portanto, contrasta o silêncio da filha e sua rotina à curiosidade alheia, às más línguas, que ecoam vozes sociais e morais, de julgamento e punitivas, sobre uma mãe sem marido. “Deve ser preguiça. Como assim? Preguiça, minha senhora: há crianças que simplesmente demoram a falar e não se sabe a razão” (MAHON, 2017, p. 17). E Estela alcança a adolescência sem dizer uma palavra. Todavia, seu silêncio não significava ignorância sobre sua condição que a cercava sobre a maldade.

A narrativa é quase toda construída forjando o mundo real nas relações sociais e no quadro de moralidade que o constitui. A decisão de “vingança” da menina, que era hostilizada por todas da vila arrebatava uma reversão desse

quadro moral, expõe a desordem e a maldade sentida, “vívuda” pela personagem Estela. Dessa consciência que se faz em desejo de revivida, a dimensão humana da personagem se ancora em formas do sobrenatural.

No trecho a seguir, que por apenas um momento houve uma hesitação por parte do Alcaide e das beatas, com aquele perplexo fenômeno do roubo das cores, vemos uma característica fantástica. “O alcaide, perplexo com o fenômeno, decretou estado de emergência, assembleia geral e foi acordar o único juiz da comarca com uma petição às mãos” (p.18). No entanto, “as beatas armaram-se de fé” (p.18), podemos entender que algumas personagens julgam o acontecimento como algo maligno: “excomungaram Estela com sua maldição” (p.19). Percebe-se que o espanto pretendido pela narrativa é alcançado, uma vez que o leitor não espera essa mudança no eixo de configuração da personagem. Acontecimento que o leitor não consegue explicar por meio das leis do mundo. A partir desse momento o insólito se instaura na narrativa, rompendo as barreiras entre o real e o irreal.

Apesar disso, não vemos em nenhum momento da narrativa algum sentimento de espanto por parte da mãe de Estela, que, assim que descobre o ocorrido, esconde Estela na casa da madrinha. Assim também, as demais personagens, posteriormente, não observam o roubo das cores como algo impossível, mas aceitam como algo realizável naquele contexto. Isso ocorre, pois, no plano diegético, o

mundo construído pelo escritor, esses acontecimentos espantam ao mesmo tempo em que são aceitos como possível pelas demais personagens. Ninguém questiona o insólito, nenhuma personagem duvida. No mundo extra diegético - o mundo do leitor -, ocorre um estranhamento no ato da leitura, no conflito instaurado entre os dois mundos: o mundo em que vive o leitor e o mundo diegético, o mundo configurado como real.

De acordo com Todorov (2008), existia uma dualidade de pensamentos entre os séculos XIV e XIX, uma indecisão entre os campos da razão e da fé:

A postura desse homem equilibra-se entre a aceitação do acontecimento insólito ou sua rejeição, sendo a hesitação uma constante até o término da história, estando a verdade em posição discutível, já que o homem desse período possuía grande necessidade de escolher uma única e possível verdade para crer e responder às suas angústias e incertezas. (p.71)

O termo “insólito” corresponde ao que é anormal, incomum, extraordinário, seus limites vão além dos conceitos de realidade e verdade, ou até mesmo dos conceitos de gênero literário. No mundo contemporâneo, em que a verdade absoluta já foi contestada e as fronteiras entre o real e o irreal apresentam-se diluídas nas narrativas, há que se repensar o papel do insólito nos textos ficcionais, bem como rever a sua relação com os leitores. Como Estela está configurada nesse mundo de julgamentos? Existe um valor ético representado por meio dessas personagens? O conto configura um mundo a partir de uma família composta por mãe e filha. Essa organização faz o narrador mostrar o erro, por meio de uma filha sem o pai (valor moral), imposto pela sociedade, na qual uma mulher não pode

criar sua filha sozinha sem a presença do pai ou de uma figura masculina. Mais que isso, que uma mulher não pode ser mãe solteira, sem ser vista com maus olhos pela sociedade patriarcal. A mãe da menina era dedicada e trabalhadeira, se esforçava muito para garantir o sustento da filha, e mesmo assim era criticada, e questionada sobre a presença da figura paterna em sua vida.

Porém a dúvida gerada pelo texto é o motivo que não nos é dado pelo não batismo da filha. Beata da única igreja do vilarejo, a mãe era uma mulher religiosa, e isso contribuiu para os julgamentos. Percebe-se pelo narrador um incômodo pelo fato de a menina ser pagã e, como consequência, após o roubo das cores ocasionado por Estela, as demais personagens passam a enxergá-la como algo maligno: “entre uma e outra novena”, “montaram guarda em frente à casa, com velas de luzes esbranquiçadas” (p.19):

Ao amanhecer, a menina foi visitada por um arco-íris que entrou pela janela do quarto. O povo agitou-se com o que viu em seguida: pisando em cores, foi-se ela de braços dados com a mãe para um lugar onde toda aquela gente desbotada jamais saberia o paradeiro (MAHON, 2017, p.19).

Ao amanhecer um novo mundo surgiu para Estela e sua mãe, um mundo cheio de vida, cheio de cores. Ali, elas deixaram para trás um mundo sem cor, o mundo do vilarejo, que representava a ausência de bondade, a falta de afeto e de respeito. Um mundo que as julgava pelos valores morais ou religiosos.

Uma personagem que possui o poder de retirar a cor do mundo: dos vestidos, das árvores, de tudo. Nesse momento, o leitor é convidado a entrar diretamente no insólito e no estranhamento de um mundo sem cor. E,

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL/UNE-MAT). E-mail: Josiane.miranda@unemat.br

assim, Estela cumpriu sua vingança, gradualmente todos foram percebendo as cores se esmaecendo, e, por fim, sumindo.

Por mais cuidadosa que Estela tenha sido, culpavam-na. Sua mãe chegou a escondê-la na casa da madrinha, de nada adiantou, pois, o médico revelou seu esconderijo. Juntou-se uma multidão em frente à casa, todos com velas, preparavam uma emboscada para o amanhecer. Entretanto, todos se frustraram e o imaginado aconteceu, naquela manhã.

Observa-se que o desfecho da narrativa fica em aberto, o leitor termina a leitura do conto com alguns pontos de interrogação: para onde foi Estela e sua mãe? Como ela roubou a cores? Tudo isso tem ligação com a paternidade escondida? Como na maioria de seus contos, o escritor termina a história de uma forma inusitada.

Ao analisarmos a narrativa percebemos um dialogismo com a obra *A menina que roubava livros* (2005); somente pelo título já podemos perceber muita semelhança. Em ambas, o enredo é protagonizado por uma personagem feminina – Estela e Liesel – no conto temos uma menina que roubava cores, no romance uma menina que roubava livros.

Para Estela as cores bastavam, já para Liesel os livros, as palavras, eram suficientes. As mães presentes nas narrativas também possuem semelhanças, uma perseguida e julgada pela sociedade por ser mãe solteira, a outra perseguida pelo nazismo. As duas filhas tiveram uma infância sofrida. Estela, por não falar, era reprimida e menosprezada; já Liesel não cresceu com a mãe, perdeu o irmão caçula e teve de ser adotada. Temos contextos diferentes, mas que se aproximam em alguns aspectos.

Diante de dois mundos configurados a par-

tir do eixo familiar, segundo uma perspectiva feminina da experiência e da vida, observamos que ambas encontram um refúgio, Estela se refugia nas cores e Liesel nos livros. No conto, a personagem mãe solteira conduz a uma reflexão sobre a maternidade sem marido. A mãe que cria a filha sozinha, com muito esforço e dedicação, permanece sob o julgo da moralidade e das regras de uma sociedade patriarcal. O julgamento moral do Vilarejo, orquestrando uma ordem necessária das coisas e do mundo, expõe o sofrimento de mãe e filha.

O narrador evidencia na narrativa um dos aspectos temáticos mais comuns na sociedade atual, pois sabemos que existe um grande índice de mães solteiras que são julgadas ou estereotipadas pela sociedade machista, que não aceita a mulher como provedora do lar, como cabeça da família ou, simplesmente, capacitada para criar filhos sozinhas, sem a presença da figura paterna, figura masculina. A dimensão social das personagens apresentada no enredo contribui para uma rica construção do conto e, com ele, uma força da experiência humana.

Esse excerto da prosa mahoniana exemplifica que Estela é a única personagem insólita inserida em acontecimentos cotidianos, o narrador apresenta um mundo totalmente realístico, no entanto, quase ao final do conto, o insólito é manifestado ao leitor.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MAHON, Eduardo. **Contos Estranhos**. Carlini & Caniato: Cuiabá, 2017.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução Maria Clara Correa Castelli. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- ZUSAK, Markus. **A menina que roubava livros**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

## Leia também!

Suplemento Literário de Mato Grosso



**LANÇAMENTO**  
EDIÇÃO 72  
JANEIRO / 2022

Amazônia Legal (poema)  
**Encontros**  
Márcia Wayna

Carta ao escritor  
**Carta à escritora Lucinda**  
Persona  
Walnice Vilalva

Conto  
**O bolo**  
Iberê Marti

Crônica  
**A Festa do Retorno das Águas e o Pedido dos Rios Livres no Pantanal de Cáceres**  
Orilzo de Campos Silva

Artigo  
**O sentido e a forma do filme: a visão transformadora de Eisenstein pelas suas montagens sensoriais**  
Bento Matias Gonzaga Filho

Artista Visual Convidado  
Sálvio Júnior

PPGEL  
UNEMAT  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
Celso Ribeiro Ayres Macielando

LINK: <https://ppgelunemat.com.br/nodoa-no-brim>

## O COMBATE

TODOS OS MESES NO SITE PPGEL

LINK: <https://ppgelunemat.com.br/o-combate>

### Jornal "O Combate"

#### Expediente

*O Combate* é um periódico mensal, destinado à publicação de textos de discentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT). O objetivo do jornal é ser um espaço de fomento à escrita científica no campo da Literatura. Nele, serão aceitos ensaios, críticas, resenhas e artigos de opinião, sendo a temática livre – desde que relacionada com alguma área do saber dos estudos literários.

**Direção geral:** Helvio Moraes

**Equipe editorial:** Helvio Moraes, Luan Paredes Almeida Alves, Adrieli Ferreira Nogueira, Eliane Cristina Chieregatto

**Colaboradora deste número:** Josiane Miranda Barbosa  
**Diagramação:** Umberto Rios Magalhães

**Contato:** [jornalcombateppgel@gmail.com](mailto:jornalcombateppgel@gmail.com)



## UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso  
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino  
Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,  
Tangará da Serra - MT, 78300-000